

Entrevista com Maria do Carmo

Entrevistadores: Sergio Goes e Victor

Data:

Sergio: Muito bem, fale então de antes de você vir para o Peses, onde que você estava, que circunstancia fez você vir para o Peses – primeiro veio para o Peppe, não é?

Maria do Carmo: Peses. Antes eu circulei nos dois, mas assim, antes disso eu tinha... bom, um ano antes eu me formei em... dois anos antes eu me formei em medicina em Salvador, na Universidade Federal e vim fazer residência na UERJ, eu vim fazer residência em medicina integral na UERJ. Então no primeiro semestre do ano de 1976 eu comecei então a residência na UERJ e no primeiro semestre a residência estava muito ruim porque naquela época o pessoal da... o Hésio, o Reinaldo, Reinaldo? Exato. Reinaldo, Hésio, Noronha... todo mundo estava investindo no mestrado, era o primeiro ou segundo ano do mestrado e a residência tinha caído um pouco em desgraça, e eu não sabia e vim da Bahia para me formar na residência e foi muito ruim a residência. Então no meio do ano eu descobri que existia uma instituição chamada Escola Nacional de Saúde Pública com o pessoal mesmo da residência da UERJ porque a gente estava muito insatisfeito, então eu vim aqui e comecei o curso de Saúde Pública no segundo semestre desse ano. No final do ano de 1976 estou eu nos corredores andando como estudante e encontro o Caniço, Raimundo, doutor Raimundo Oliveira, né?

Sergio: Oliveira.

Maria do Carmo: Caniço, nosso grande amigo, o Caniço tinha sido, junto com o Sebastião Moreira, meus preceptores de monitoria porque eu era aluna de iniciação científica, eu fui uma das primeiras alunas na iniciação científica – a Bahia se inscreveu no programa tão logo ele surgiu nos anos 70 e eu fui uma das primeiras, eu entrei na Preventiva, na iniciação científica e eu conheça muito, fazia parte do grupo lá da Bahia, da Saúde Coletiva, que na época era Medicina Preventiva, da Bahia. Então eu encontrei o Caniço e ele me disse: “O que você está fazendo aqui?” Eu falei “Estou estudando...” Ele me disse: “Não vai mais estudar, vai trabalhar comigo”, porque ele estava coordenando um dos projetos que era sobre o ensino da medicina preventiva e ele me convidou para fazer parte desse projeto; então, no ano seguinte, em [19]77, eu começo nesse projeto, no primeiro semestre, fazendo parte do grupo ao mesmo tempo fazendo o meu Curso de Especialização em Epidemiologia em que o Eduardo era o coordenador, o Eduardo Costa. Então eu estive no Peses.

Sergio: Já era o Curso Avançado de Epidemiologia?

Maria do Carmo: Já era curso de especialização, segundo nível. Eu tinha feito o primeiro em Saúde Pública, e estava no segundo nível, então eu conheci o Eduardo, o Eduardo. Assim eu era estudiosa e ele me notou e disse assim: “Você tem uma formação excelente...” porque eu já vinha nesse caminho lá na Bahia com o Sebastião Moreira, ele disse: “Você não pode ficar no Peses, vem para o Peppe, porque eu vou começar a minha tese de doutorado num projeto do

Peppe e eu quero você lá para coordenar o trabalho de campo no Rio Grande do Sul”. Então eu falei: “Eu não sei como eu faço para sair do Peses, primeiro eu tenho que falar com o Arouca”. E o Eduardo me levou uma noite para a casa dele, eu não conhecia a Sarah, conheci nesta noite, para jantar e me convencer a largar o Peses e entrar no Peppe. Então eu fiquei nervosa, eu não sabia como eu ia dizer para o Arouca que ia mudar, que eu ia deixar aquele projeto, então, bom, acabei deixando. O Eduardo falou com ele e eu saí do Peses e fui para o Peppe, então eu comecei o trabalho no campo que eu comecei lá em Salvador, na Universidade, e fui uma das coordenadoras do trabalho de campo na tese de doutorado do Dudu, e foi uma tese muito importante na área de hipertensão arterial e eu também fiz a minha dissertação de mestrado nessa área com “Stress e hipertensão arterial”. Foi assim que eu cheguei.

Sergio: Deixa eu te fazer uma pergunta, você era organizada politicamente?

Maria do Carmo: Então, na Bahia as coisas se passavam num outro pique naquela época, era uma época de muita agonia na universidade, de muito sofrimento, e quando eu entrei na faculdade em [19]70, eu participava dos movimentos estudantis, mas eu não fazia parte de nenhum partido político, mas na Bahia tinha um movimento, que eu acho que hoje é muito bem descrito, da tropicália, era uma coisa de que era proibido proibir, na Bahia a forma mais aguda como se expressou depois de [19]64, [19]68, lá nos anos [19]70, foi um movimento quase de anarquia, um movimento de... que foi apresentado pelo Caetano e Gil que era assim “nós não temos (...) nós somos livres sexualmente...”

Sergio: Proibido proibir.

Maria do Carmo: Nós somos livres pra fazer o que quisermos, ninguém nos dá ordem e aquilo era um incômodo enorme para a ditadura porque era uma completa renegação das regras que não se desprezava na época – os cabelos enormes, as roupas extravagantes e na faculdade eu fazia parte disso, mais que tudo. Eu fazia parte das festas, eu tinha vinte anos, dezenove, vinte e um, vinte e dois, mas como nós éramos da turminha (da preventiva), os alunos que foram pescados porque eram diferentes da média da medicina que era muito conservadora e a gente era diferente, nós fazíamos parte da iniciação científica e a gente fazia parte desse movimento. Íamos para as festas de Caetano. Eu frequentei, a minha vida à noite era nessas festas onde estavam essas pessoas, ficava até de manhã, todo mundo, a gente frequentava isso. Como estudante, uma geração mais nova, mas era também a nossa vida, o nosso entendimento de mundo, de liberdade, das relações totais, então eu vivi essa experiência na Bahia que era uma coisa revolucionária, mas não era organizada politicamente, nem partido, era quase um movimento de ruptura de costumes.

Sergio: O Caniço era do Partido Comunista?

Maria do Carmo: Eu não sei te dizer, mas eu acho que sim.

Sergio: Eu acho que sim.

Maria do Carmo: Eu acho que ele era, até as pessoas eram organizadas, algumas, mas a coisa mais evidente na Bahia era a ruptura do sistema, então era a roupa que era um absurdo, inclusive os professores dentro da Faculdade de Medicina, que era um da Preventiva e um da Psiquiatria que eram completamente diferentes e se vestiam como Caetano e Gil, de barba, era um escândalo, você não pode imaginar e nós éramos um escândalo na Faculdade também, esse grupo de estudantes que aderiram a essa forma de enxergar o mundo naquele momento que era uma forma de dizer que estava contra tudo, ao ponto da gente nunca se formou, formou, mas na reitoria... a gente era um grupo muito... meu grupinho né, na Faculdade.

Sergio: Por que você veio para o Rio, abandonar essa...?

Maria do Carmo: Porque eu queria estudar, queria sair de lá para estudar fora, queria fazer uma formação fora. Eu tentei ir para São Paulo, em São Paulo era com o doutor Guilherme, um polo dentro da USP muito poderoso e eu passei em São Paulo e aqui, mas em São Paulo eles fizeram uma sacanagem comigo porque tinha uma aluna deles que... só tinha uma vaga, várias pessoas importantes depois no movimento político da saúde estava competindo e eles tinham uma aluna deles cujo nome eu não me lembro, acho que por uma questão psicológica, que essa menina... eu fiz uma prova muito melhor que ela, aí eu passei, aí como na entrevista eu era muito tímida e não saí muito bem, porque era a Cecília Donangelo, o Guilherme, eu fiquei muito nervosa, eu vim de Salvador, sem conhecer esse povo, para mim eram deuses, cheguei lá e fiquei nervosíssima na entrevista, sabe o que eles fizeram? Decidiram que iam fazer uma outra prova, uma sacanagem sem tamanho. Me botaram para eu fazer uma segunda prova, eu entrei acabada, eu sabia que era porque queriam me tirar, fizeram essa maldade comigo, depois o doutor Guilherme ficou tão mal que achou uma outra vaga para mim, eu disse: "Eu não vou mais, o que o senhor fez comigo não se faz com ninguém, acabou, eu nunca mais ponho os meus pés aí." não como aluna, nunca mais quis saber da USP e eu tinha passado aqui em primeiro lugar na UERJ, na residência e vim para cá, fiz bem.

Sergio: Fez bem.

Maria do Carmo: Muito melhor ter ficado aqui do que na USP.

Sergio: Mas me conte como foi sua experiência, primeiro no Peses e depois no Peppe.

Maria do Carmo: Foi uma experiência incrível, porque aqui eu me organizei politicamente, inclusive entrei para o Partido Comunista porque assim, como eu te disse, o movimento lá na Bahia era um movimento numa direção de contestação radical dos costumes, era a forma como a Bahia tinha... tem a ver com a Bahia e que incomodava muito e aqui era todo mundo organizado politicamente, aqui foi a minha descoberta para mim de uma entrada num partido político que era clandestino na época, tinha um organizado enorme porque eu era muito estudiosa e tal, por exemplo, eu dominava todo o existencialismo, era bem existencialista, contestatória assim, tipo, como base para mim era o existencialismo, então eu sabia tudo, mas a minha leitura dos clássicos e depois... não era tão grande assim, eu fiz isso aqui, essa formação e tinha aqueles grupos de estudos...

Sergio: Marx...

Maria do Carmo: De Marx, de Engels, de Lenin, lia tudo, do italiano...

Sergio: Gramisc.

Maria do Carmo: Gramisc, aí eu fiz uma formação política muito mais forte, estudei muito aqui, lá na Bahia lia mesmo era Sartre, o negócio lá era a liberdade sem limites.

Sergio: E quem te levou para o Partido?

Maria do Carmo: Quem me levou foi o Arouca, lá todo mundo era, então eu fui também.

Sergio: Isso no Peses?

Maria do Carmo: No Peses, Xavier, Arouca, e o povo lá, todo mundo já está... quem não era organizado se organizou, então eu ali fui para uma célula, a nossa era com o Chico Gordo, muita gente aqui, nós éramos da UERJ. Então era aqui mesmo em Vila Isabel que a gente se reunia na casa de um, na casa de outro, fazia também grupo e estudos, estudei muito naquela época política, foi uma época de muito aprendizado num ponto de vista desse caminho da política e também assim, um aprendizado muito grande que eu tive. Sempre gosto de relatar isso porque a Ensp também não era um oasis. Arlindo estava aqui fazendo um negócio muito importante, eu acho que essa história precisa ser contada também. Quando eu cheguei aqui para fazer o curso de saúde pública era um pessoal revolucionário na época e não era pelo pessoal que chegou com o Peses Peppe, o Eduardo estava aqui já, tinha vida política, tinha discussão e tinha proposições avançadíssimas já aqui, senão nem tinha acontecido o projeto aqui, naturalmente. Então o curso de saúde pública que eu fiz aqui é uma coisa assim que abriu muito a minha cabeça, e Arlindo estava começando aqui uma coisa que foi ele quem começou junto com o grupo, acho que ele foi o mentor intelectual disso, que foram os cursos regionalizados de saúde pública, isso foi muito importante para a saúde pública brasileira ser nacional. Isso foi muito importante e eu descobri na época da Constituinte, já no Brasil inteiro tinha gente formando em saúde pública com a ideologia de defesa da saúde pública, então aquilo foi fundamental e foram os cursos, não foi o Peses Peppe que trabalhava com pesquisa com os grupos universitários, mas que não teve essa penetração nos estados, dos aparelhos dos estados, como teve os cursos de saúde pública que foram fundamentais.

Sergio: Sem dúvidas, mas o projeto do departamentos de medicina preventiva era um projeto de fazer levantamento dos departamentos de todo o Brasil.

Maria do Carmo: De todo o Brasil.

Sergio: E também tinha uma função de agitação.

Maria do Carmo: Exato, porque foi nesses departamentos que o Arlindo estava começando esse trabalho, mas foi nesses departamentos que se constituiu a parceria entre as

universidades e a Ensp e as universidade e as secretarias estaduais que tinham suas escolas de saúde pública combalidas, nem sei se tinham nessa época.

Sergio: Nem tinha.

Maria do Carmo: Era uma coisa muito miserável nesse processo aí que foi amadurando essa ideia que tinha que ter a formação dos quadros que era um quadro técnico que tinha que cuidar da saúde pública como a gente tem hoje.

Sergio: Na verdade esse projeto de levantamento de medicina preventiva também foi uma ajuda nessa montagem...

Maria do Carmo: Nessa frente.

Sergio: Nessa frente do...

Maria do Carmo: Mapeou os grupos, fez um remapeamento dos grupos. A gente conhecia na verdade os grupos que eram mais avançados, eles eram bastante enredados, tanto que eu encontro o Caniço era tudo mundo enredado, os grupos mais avançados, tinha um núcleo na Bahia, tinha em Campinas, tinha na USP, tinha em Ribeirão Preto...

Sergio: No Rio.

Maria do Carmo: Tinha no Rio, a UERJ era uma coisa espetacular, em alguns lugares todo mundo se conhecia, agora nos outros grupos que esse mapeamento foi feito pelo ensino na medicina preventiva foi que a gente descobriu que tinha vida política também nos outros estados, só que a gente não tinha esse enredamento tão claro e aí se estabeleceu essa parceria que foi fundamental para esse processo da formação em massa da saúde pública acontecer no país e isso que deu sustentação para o Sistema Único de Saúde. Te digo porque eu participei muito nessa época da Constituinte, e foi uma coisa muito emocionante, eu participei, porque eu trabalhava na área da criança, eu participei também com o pessoal da educação e na saúde, na saúde tinha o mesmo discurso no Brasil todo. Quem estava ali discutindo era a mesma proposta.

Sergio: Você entrou no Peses em que ano?

Maria do Carmo: Fora dois anos depois, foi em [19]79, eu fiquei um ano, em [19]77, em [19]78 depois de [19]78 por aí eu fui... meados de [19]78, [19]79, por aí, já estava no Rio Grande do Sul, [19]79 eu acho...

Sergio: Em [19]79 já estava no Rio Grande do Sul.

Maria do Carmo: No levantamento de dados.

Sergio: Aí o Peppe já tinha praticamente desaparecido.

Maria do Carmo: É.

Sergio: Só tinha a pesquisa do Eduardo.

Maria do Carmo: Praticamente era essa a grande pesquisa do Peppe, né? Que foi importantíssima na formação da epidemiologia...

Sergio: Claro.

Maria do Carmo: Que hoje é um departamento bom, mas estruturou muito a formação de epidemiologia em novas modalidades em consonância com a epidemiologia mundial e tal, foi muito importante aquilo.

Sergio: O quê que foi o impacto do Peses para você, qual foi a importância, o que o Peses tinha de diferente para você?

Maria do Carmo: Para mim foi uma... eu ficava completamente boquiaberta com a compreensão tão madura que o grupo de Campinas tinha sobre essa questão do preventivismo, era um negócio assim... Para mim que, vinha de Salvador, ali tinha discussões e tudo, mas aquilo foi uma abertura de mente assim, eu fiquei muito... inclusive nervosa, porque eu não tinha as leituras das ciências sociais, nossa, eu vivia estudando até tarde da noite para acompanhar aquela coisa toda, que já era basal ao grupo que veio de Campinas que eu não tinha, eu era... eu estudava, como eu disse, eu lia os existencialistas, muita literatura e também sabia bastante epidemiologia, mas eu não tinha a leitura das ciências sociais, não tinha, isso para mim foi um aprendizado aqui, que isso eu não... na Bahia isso não era um tema.

Sergio: Não, isso, na verdade, não era só na Bahia, naquele momento era em pouquíssimos locais...

Maria do Carmo: Acho que era só aqui.

Sergio: Era só na verdade.

Maria do Carmo: Aqui pelo Rio e em Campinas, foi uma coisa de louco.

Sergio: Acho que era Rio/Campinas, nem em Ribeirão Preto tinha isso, nem na USP tinha isso.

Maria do Carmo: A minha relação com a UERJ, que tão brilhante era, foi que foi muito pobre, abandonaram a residência naquele ano porque criaram mestrado, então jogaram toda a energia da formação deles no mestrado e a nossa residência foi péssima. Era chamada de medicina integral, era uma calamidade, porque eu, por exemplo, a gente ficava indo em todas as especialidades e não fazia nada, porque eram os residentes das especialidades que faziam as coisas e a gente não fazia nada. Ia para a obstetrícia para assistir o parto que eu fazia na Bahia como estudante, então era uma calamidade. No meio do ano eu chamei o (Degase) que era o preceptor da residência e falei: "Isso aqui está muito ruim, eu não vim pra cá para não aprender, não estou aprendendo nada, eu vou embora..." e aí falou "Não..." Eu falei "Olha, só tem uma coisa que eu faço aqui e que faz falta que é o ambulatório aos sábados, então você faz de conta que nem sabe, eu vou estudar na Escola de Saúde Pública e aos sábados estarei aqui,

não tinha programa para a gente. Foi muito ruim e eu não aproveitei dessa coisa fantástica que tinha na UERJ, mas acabei por aqui pelo Peses e me inteirando disso aqui.

Sergio: A interação entre o Instituto de Medicina Social, a Ensp e o Peses era muito pequena, algumas pessoas eram comuns...

Maria do Carmo: A Ana estava lá, depois que veio para cá.

Sergio: Estava lá, o que tem em comum? Tinha o Luiz Clemente Mariani que...

Maria do Carmo: Que ficava lá.

Sergio: Que começou com um projeto aqui.

Maria do Carmo: Eu não sei por onde ele anda.

Sergio: Anda muito mal.

Maria do Carmo: Doente?

Sergio: Alzheimer avançadíssimo, um homem fora do mundo, totalmente fora do mundo, não reconhece mais ninguém.

Maria do Carmo: Jovem ainda.

Sergio: Jovem, setenta anos, sessenta e nove. Tinha o Luiz Clemente Mariani, o Reinaldo veio para cá e teve muitos problemas aqui, inclusive.

Maria do Carmo: Nem pode ficar.

Sergio: Nem pode ficar, eu não me lembro mais, o Noronha não veio.

Maria do Carmo: O Noronha não veio, veio muito tarde e o Hésio também.

Sergio: O Hésio não, ele estava lá, o Hésio era diretor, diretor de lá.

Maria do Carmo: Mas assim, tinha relação sabe quando? Quando o Hésio entrou começou a ter uma relação não do Peses/Peppe, mais tarde quando o Hésio assumiu a residência...

Sergio: Isso é bem mais tarde.

Maria do Carmo: É já bem mais tarde, aí começa uma integração muito grande, o Paulo Bus era de lá, aí começa os alunos de lá vim para cá.

Sergio: A relação que tinha...

Maria do Carmo: Aí começa a se estabelecer uma coisa assim muito mais interativa, né?

Sergio: Uma relação que muito forte era que tanto lá quanto aqui eram dominados pelo Partido Comunista, na época...

Maria do Carmo: A coisa política era essa.

Sergio: Era essa a noção política.

Maria do Carmo: Todo mundo era do Partido, depois o Arouca continuou num novo partido que tem o nome...

Sergio: PPS.

Maria do Carmo: PPS, que hoje é um escárnio, mas que na época era comunista.

Sergio: Era gramsciano.

Maria do Carmo: Aí o partidão vermelho acabou, o Partido Comunista ficou como uma coisa velha e completamente em desuso, mas muita gente... e aí as pessoas saíram, ninguém foi para o PPS, ninguém gostava daquilo, nem mesmo apreciavam.

Sergio: Mas fale mais do Peses e do Peppe, das suas experiências, das pessoas, do seu trabalho, como é que foi...

Maria do Carmo: O meu trabalho no Peses, que era no núcleo de estudo de medicina preventiva, foi uma coisa interessante.

Sergio: Por quanto tempo você trabalhou nisso?

Maria do Carmo: Eu trabalhei, eu acho que trabalhei um ano meio nisso, era época em que a gene fazia as entrevistas no próprio departamento então eu conheci o Brasil, naquela época não conhecia muito. Então eu viajei muito para as universidades, conheci muita gente, foi uma experiência para mim, foi uma descoberta do próprio país, nunca tinha viajado, conhecia o Nordeste, conhecia São Paulo e Rio, mas nunca tinha ido ao Sul, também não fui para o Sul, fui muito para o Nordeste, para o Norte, fazer entrevista. Mas foi um sofrimento fazer essas pesquisas porque o Caniço morreu.

Sergio: Morreu durante as pesquisas.

Maria do Carmo: Durante, ele era o coordenador e a mim, pessoalmente, quando eu estava me lembrando para fazer a entrevista com você, me deu ma tristeza de lembrar a minha dor. Ele era a minha referência, tinha sido o meu professor lá, a gente era amigo, a morte dele me deixou muito mal, eu fiquei muito mal e depois disso quem assumiu a pesquisa foi o Chico Gordo, que era residente, tinha sido residente lá com o Arouca e tinha vindo para cá com ele. Vários residentes, tinha ele, a Beth Moreira, continuaram a formação aqui na Ensp. Então para mim foi um baque a morte de Caniço e a pesquisa ficou um pouco... um tempo... ninguém sabia o que fazer e depois o Chico Gordo assumiu junto com o Xavier que teve uma importância na confecção do relatório, a Regina Bodstein...

Sergio: Foi produzido um relatório, né? Você tem cópia dele?



Maria do Carmo: Acho que não, eu tinha e acho que joguei tudo fora, eu tinha e joguei fora. A Regina Bodstein fazia parte desse grupo e acabamos depois de um tempo fazendo concurso para entrar aqui na Fiocruz.

Sergio: A Regina era desse grupo?

Maria do Carmo: A Regina era, era socióloga a Regina, era desse grupo. Mas foi assim uma época de muita discussão, de muito aprendizado político e principalmente da leitura de ciências sociais, era o que eu não tinha na minha bagagem. Essa leitura que tive, esse background que eu adquiri no...

Sergio: No Peses.

Maria do Carmo: Na pesquisa, no Peses... porque tinha grupo de estudos, tinha coisas que interligavam.

Sergio: Interligavam, né?

Maria do Carmo: Interligava em inteligência.

Sergio: De sonhos.

Maria do Carmo: De discussões e de criatividade, era uma coisa maravilhosa.

Sergio: Acho que nunca se repetiu essa...

Maria do Carmo: Era fantástica, realmente fantástica, nós ficávamos no último andar, que virou departamento de ciências sociais hoje em dia, ficava lá em cima, que antigamente era o dormitório da Ensp.

Sergio: É.

Maria do Carmo: Mas que na época fervilhava em leitura e discussão, ideias e também muita festa, era uma alegria enorme. Era regado a alegria, isso que era incrível né? Era realmente regado a alegria, todo fim de semana tinha festa e a gente ia, só voltava no domingo, amanhecia na praia, você conhecia muito, eram muitos baianos também.

Sergio: Era curioso porque tinha um Partido Comunista muito forte, capitaneado pelo Arouca, mas também tinha gente fora do Partido Comunista.

Maria do Carmo: Tinha.

Sergio: Eu, a Isabel Picaluga, a Ana Clara, havia uma certa tensão entre os dois grupos.

Maria do Carmo: É.

Sergio: Sempre via isso, eu me lembro disso.

Maria do Carmo: Mas era uma coisa, a Regina nunca foi...

Sergio: A Regina não! Era outra história, a Regina veio aqui, se não me engano, encaminhada pelo Guilardo.

Maria do Carmo: Era, tinha um parentesco com o Guilardo que a trouxe, mas depois... mas era uma menina bacana.

Sergio: Legal, ela.

Maria do Carmo: Mas ela veio por um caminho muito torto, inclusive foi discriminada.

Sergio: Foi discriminada, muito.

Maria do Carmo: Porque a gente sabia que ela veio de forma errada, veio quase que obrigada.

Sergio: É.

Maria do Carmo: Tinha um negócio de militarismo, veio parente e tal, uma coisa dessas, mas foi uma época que... Eu participei muito das festas todas, todo mundo era amigo integral, foi um tempo, assim, genial, de um Rio de Janeiro, cidade linda também e era uma festa (a cidade, ninguém tinha medo) ninguém voltava para casa, depois a gente ia para a praia para ver o dia amanhecer e chegava dez, onze horas em casa. Era uma coisa linda.

Sergio: Você lembra da dona Elza?

Maria do Carmo: Exatamente, dona Elza, que depois foi secretária do Arouca, né? Elzinha, muito especial. A época do Peppe foi uma época muito voltada para a questão mais da pesquisa científica mesmo para mim, né?, e eu realmente tive um amadurecimento da minha iniciação científica no Peppe, porque a pesquisa era muito bem desenhada. O Eduardo era um bom epidemiologista que depois largou, mas ele era muito bom e a pesquisa tinha a orientação de um grande mestre da hipertensão. Não me lembro agora, um cara super famoso, o maior especialista inglês, muito reconhecido mundialmente, era o orientador do Eduardo. Então a pesquisa foi feita com requintes de sofisticação, inclusive, ao ponto de se desenvolver equipamentos tópicos para a medida da pressão arterial, isso foi aos poucos para fazer, teve essa inovação, até o equipamento se inventou lá no Rio Grande do Sul, foi difícil conseguir aquele processo e a gente era treinado com um processo para medir a pressão direito.

Sergio: Padronizado.

Maria do Carmo: Super sofisticado, com material que era umas gravações que vieram lá da Inglaterra, que era como eles faziam também as pesquisas lá no (Rolse) que era um grande especialista, o homem mais pomposo da pressão arterial, então veio de lá esse material e toda a equipe foi treinada dessa maneira e eu coordenei a equipe lá do Rio Grande do Sul, uma equipe grande de gente, e passei um ano coletando dados. Eu, que tinha vinte e sete anos, coordenava equipe de gente mais velha, gente acostumada a trabalhar no IBGE, cheio de malandragem, assim, para coletar dados, então era um trabalho grande de revisão para não deixar acontecer nada porque o estudo foi muito bem feito. Mas aí o Eduardo me botou até na

região mais perto né, na região serrana, porque eu era mulher e ele precisava. A turma que a gente tinha não era brincadeira, e também tinha uma coisa importante nessa pesquisa, que ela ia mexer com os dados ENDEF (Estudo Nacional de Despesas Familiares) que mediu o consumo de sal e que nunca foi entregue para a gente analisar, porque era um segredo de Estado, porque media o estado nutricional, na verdade mediu como as famílias se alimentavam...

Sergio: ENDEF era?

Maria do Carmo: Era uma pesquisa.

Sergio: Um estudo nacional...

Maria do Carmo: Era uma pesquisa de despesa familiar, foi a primeira feita com a metodologia que eles ficavam uma semana na casa pesando tudo que entrava....

Sergio: Pesavam, exatamente, tudo que se jogava fora.

Maria do Carmo: Tudo que entrava, pesava tudo que ia parar no lixo. E a questão é que eles queriam essa informação de todos os nutrientes que foram ingeridos pelas famílias e a ideia na época, grande discussão ainda na hipertensão, era se o sal era um elemento que fosse, tivesse relação de causalidade com a hipertensão arterial, porque os estudos mostravam que países e áreas que consumiam grandes quantidades de sal, estudos epidemiológicos, eles tinham populações com níveis de hipertensão bem maiores, só que isso era muito complicado de se provar no nível individual, depois se descobriu o por que na epidemiologia, porque não se achava o individual, hoje é um exemplo clássico, porque nos estudos epidemiológico (que hoje se) encontra relações causais não se encontra no nível individual porque no nível individual todo mundo, faz parte da cultura e as pessoas não se diferenciam quanto aquilo, eles comem igual, então você não consegue achar, enfim, é uma coisa bem interessante. Mas a ideia de início isso era o cerne da pesquisa do Eduardo, e ele não conseguiu os dados do ENDEF. Há alguns anos atrás, há uns dez anos atrás, um estatístico do IBGE que fez a amostra para o ENDEF, nós muito jovens, ele tem a minha idade, mas era de um grupo de meninos muito inteligentes, lá do IBGE, ele ajudou a montar a amostra do ENDEF junto com um grupo mais maduro que tinha lá e a loucura dele era analisar esses dados, porque ficou proibidos durante anos, a tese dele com esses dados, foi assim uma redenção, até para mim também, por causa daqui do Peppe, Peses, para a gente trabalhar esses dados era fundamental para a pesquisa

Sergio: Quanto tempo você ficou no Peppe nessa pesquisa?

Maria do Carmo: Fiquei uns dois ou três anos, porque até... dois anos, não fiquei porque depois teve o concurso no meio do caminho e aí eu entrei, mas aí eu continuei na pesquisa até ela ter resultados, porque demorou até eles ser tabulados e tudo isso, eu fiquei uns quatro anos, até...

Sergio: Qual era a diferença entre o Peses e o Peppe para você?

Maria do Carmo: Era muito grande, assim, porque no Peppe não havia discussão política, era desenvolvimento científico de metodologia epidemiológica, a gente não estava lá discutindo política nem a conjuntura do Brasil, estava fazendo ciência, ciência epidemiológica, sem essa questão, embora o Eduardo fosse um cara muito politizado e nós também, tudo mundo, mas não tinha essa conotação que reivindicar era a alma, não havia uma diferença bem grande, mas para a minha formação eu posso dizer ter passado por eles dois.

Sergio: Deve ter sido bom.

Maria do Carmo: Fantástica, eu sou uma epidemiologista tem uma formação básica em política e ciências sociais que hoje já não tem esse tipo de gente, tanto que a maioria dos meus trabalhos são todos misturados, não são de epidemiologistas limpinha, selado.

Sergio: Quais são as outras pesquisas do Peppe, hein?

Maria do Carmo: Eu não me lembro.

Sergio: O Luiz Clemente Mariani trabalhava em quê? Ele chegou aqui.

Maria do Carmo: Mas não era... eu não me lembro se era no projeto... trabalhou... não era no projeto da medicina comunitária do...?

Sergio: Do Caniço?

Maria do Carmo: Do Caniço.

Sergio: Não, não, a medicina comunitária era do Pellegrini.

Maria do Carmo: Era do Pelegrini, era uma proposta, digamos assim, “uma nova visão da medicina preventiva” era uma medicina comunitária, era umas ideias da chamada saúde coletiva, né? Que estava em discussão.

Sergio: Era, não era saúde pública, né? Já era uma passagem da medicina preventiva, comunitária, coletiva para o público, né?

Maria do Carmo: Pública e com essa discussão que tem hoje da saúde coletiva, que o uso mesmo é saúde pública, mas que a saúde coletiva, a ideia era envolver os movimentos sociais, que fazem parte dessa reforma, uma política, né, no país. Para mim era uma diferença grande entre os dois grupos, embora tivesse sempre a discussão política por baixo, lá no Peses a gente trabalhava... havia a Escola de Saúde Pública no Rio Grande do Sul. O Rio Grande do Sul tem essa história...

Sergio: Tem.

Maria do Carmo: Egressa de positivismo, de muita valorização da escola e também tinha a escola de saúde pública já que era uma coisa que não tinha em lugar nenhum, tinha lá e acho que em Minas estava começando e nós ficávamos na escola de saúde pública e tudo alimentava

as coisas da saúde pública, as relações daqui com a escola, né? Os cursos regionalizados, então isso também tinha essa coisa por baixo que era a formação, essa sedimentação de uma ideia de um sistema de saúde, tudo isso tinha, mas não tinha essa política e essa discussão completamente novidadosa para mim de pensar as ciências dos conceitos dessa evolução da medicina preventiva para esse novo campo que se abria, da medicina comunitária, da saúde pública e a saúde coletiva. Essas ideias todas é que faziam parte do cotidiano da conversa.

Sergio: Como é que era, como é que você se lembra das relações entre o Peses/Peppe e a Escola?

Maria do Carmo: Eram completamente apartadas.

Sergio: Totalmente, né?

Maria do Carmo: A gente nem conhecia ninguém, quando eu entrei para a Escola, que a gente fez o concurso e que eu entrei aqui na epideme, eu conheci então as pessoas daqui, o doutor Joir eu não conhecia, só conhecia o Arlindo, conhecia a Lenita por causa do curso de saúde pública e tinha visto o doutor Joir, que era o chefe de departamento, mas nós não falávamos com ele. Era uma coisa assim que eu acho que tinha até muito ciúme e muita dificuldade, tinha até uma resistência da Escola...

Sergio: Como assim?

Maria do Carmo: Daquilo que vem invadindo a instituição com ideias com as quais eles não concordavam, não sei se eles não concordavam, mas nunca foram chamados a compartilhar. Era totalmente separado, era um grupo de elite, aqui ficava a coisa mais velhas. O Eduardo não era desse lugar porque ele já era daqui, mas o Arouca e o grupo de Campinas era totalmente importado, não tinha nada a ver.

Sergio: Mas na verdade, quando foi criado o Peses/Peppe o Arlindo, por exemplo, foi convidado...

Maria do Carmo: Era a parte?

Sergio: Foi chamado... não chegou a participar não... foi chamado a participar e não aceitou por uma razão simples, era uma boa razão, inclusive, porque a questão dele era basicamente didática, era aula, a questão dele era...

Maria do Carmo: O Arlindo...

Sergio: Investir nos cursos.

Maria do Carmo: Estava certo, né? Fez um caminho incrível.

Sergio: Aqui não, porque na Escola não se fazia pesquisa em ciências sociais.

Maria do Carmo: Não existia.

Sergio: O Peses/Peppe foi que começou a pesquisa social e econômica na Escola de Saúde Pública.

Maria do Carmo: Não, foi quem formatou a cara científica dessa instituição.

Sergio: É.

Maria do Carmo: Abriu os cursos de mestrado e doutorado, trouxe pesquisadores de formação para aqui para dentro, porque não era uma escola como era mesmo e o Arlindo também estava nesse frente e fazia, eu sempre conto isso até hoje, as aulas do Arlindo eram espetaculares, porque para mim, pelo menos, aquilo era uma novidade. Fiquei muito impressionada porque o Arlindo discutia a importância da burocracia estatal, eu não tinha ideia, porque a gente na faculdade não pensa nisso, de que os estado precisavam de uma burocracia poderosa para ser um estado de direito. Eu não tinha noção, era o Arlindo quem ensinava isso para a gente e criava, portanto, a base de um sistema de saúde, precisava de um corpo técnico poderoso que tinha que ser criado nesses cursos de saúde pública, nesses lugares e tal. Mas era muito interessante essa abordagem que ninguém pensava no Estado a gente estava na sociedade.

Sergio: Era realmente... havia uma diferença enorme, principalmente, salarial, quero dizer, o pessoal do Peses/Peppe ganhava muito mais do que o pessoal da Ensp.

Maria do Carmo: Muito mais.

Sergio: Tinha mais recursos, tinha uma quantidade de dinheiro...

Maria do Carmo: Tinha tudo.

Sergio: Praticamente sem limites.

Maria do Carmo: Aqui estava praticamente às moscas.

Sergio: Aquim às moscas.

Maria do Carmo: O que estava a instituição naquela fase miserável, quero dizer, saindo dela...

Sergio: Saindo dela, já era no tempo do Vinícius.

Maria do Carmo: Do Vinícius, foi quando eles puseram dinheiro aqui e criaram o INCQS e puseram por causa da epidemia de meningite e o Eduardo veio nessa época, que eles precisavam e as vacinas vieram para ser envasadas aqui e nasceu a Biomanginhos do nada.

Sergio: Contrato com a Merrioux.

Maria do Carmo: É, e ai começou a Fiocruz a... eles tinham interesse na Fiocruz porque ela salvaria eles de alguma maneira, tinha uma instituição que poderia ajudar a diminuir o mal estar que estava na sociedade por causa da epidemia, porque ia envasar e envasou aqui as vacinas, eu acho

Sergio: É, começou envasando. Agora, havia também uma questão, isso daí foi um tempo... quero dizer o Peses/Peppe começou no tempo do Geisel e começou num quadro de algo que se chama PBDCT (Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Maria do Carmo: Científico e Tecnológico, que conheço muito bem.

Sergio: E havia uma ênfase, uma ênfase não, havia uma preocupação nesse plano básico, de investir na área social como uma forma de compensar a péssima distribuição de renda do país. Era um mecanismo compensatório que era feito de algumas formas, inclusive no desenvolvimento científico, e daí...

Maria do Carmo: E daí que veio dinheiro para ciências.

Sergio: E daí veio dinheiro para área de saúde pública, eu trabalhava na Finep nesse tempo, eu que trouxe para cá.

Maria do Carmo: Eu sei, foi essa conjunção, você na Finep, o Eduardo aqui, o Arouca que chegava e que estava na rua, na verdade...

Sergio: Não, o Arouca foi chamado, estava na rua.

Maria do Carmo: Foi chamado, estava na rua, estava tentando em Campinas... em Brasília com ) Nelson Barbosa, mas sem assento, a universidade não tinha dinheiro, não queria receber, não sei.

Sergio: Na verdade a ponte do Arouca foi Caniço, eu conhecia o Caniço através... não sei se você conheceu a Liana Maria, que morava com Caniço lá em Campinas, na fazenda, na chácara, enfim, era uma economista que eu conhecia e que foi para Campinas...

Maria do Carmo: Tinha a chácara lá em Campinas, eu não conheci.

Sergio: Mas sempre falava.

Maria do Carmo: Todo mundo morava em chácara, eu sei toda a história.

Sergio: Então foi Caniço que um dia falou "Eu tenho uma pessoa" e aí trouxe o Arouca para cá e apresentou a gente.

Maria do Carmo: O Caniço foi muito importante e esquecido nessa história, ele articulou muita coisa...

Sergio: Ele foi um articulador essencial, essencial.

Maria do Carmo: Na minha vida ele foi muito importante.

Sergio: Foi muito importante.

Maria do Carmo: Quando eu fiquei me lembrando o que eu ia falar com você eu até chorei, sabe?, de saudades dele, de ter ido.

Sergio: É, eu tenho muita saudade dele.

Maria do Carmo: Você era muito amigo dele.

Sergio: Eu era muito amigo dele, aprendi muito com o Caniço, aprendi muito com o Caniço, realmente o Caniço foi uma pessoa que abriu, entende?, os horizontes; a especialidade dele era desnudar as pessoas.

Maria do Carmo: A desnudar, aquilo era a Bahia, onde eu viva entendeu? Era aqui, o Caniço era a representação de Capinam, de Gal, Caetano, Gil, Sebastião (...)

Sergio: O Caniço...

Maria do Carmo: Um pouco da Preventiva e do Psiquiatra.

Sergio: O Caniço era um homem importante na tropicália.

Maria do Carmo: Foi um homem importante, me lembro que foi Caetano quem cuidou... eu passei a noite chorando no carro de Caetano, chorando, eu e ele. Eu não conhecia Caetano assim, íntimo.

Sergio: Ele era amicíssimo de Dedé né, o Caniço?

Maria do Carmo: É, super, aquela noite eu passei lá porque eu não consegui ir embora para casa. "Eu também quero ficar com você..." Eu adorava ele, eu adorava, ele dizia "eu não vou deixar você só porque eu estou aminado..." passei a noite conversando com ele naquela noite, nós dois falando de Caniço, da Bahia, cantando, eu cantava com o Caetano, porque voz não tenho, discordamos de quem... passamos a noite conversando com ele que era um homem... eu nunca tive esse contato assim. Eu ia muito nas festas que ele dava e tal, mas não tinha amizade com ele. Quem tinha era o pessoal Caniço, o Sebastião...

Sergio: Caniço...

Maria do Carmo: Esses eram amigos mesmo dele. Depois eu viajei durante a faculdade também com o Capinam, a gente fez uma viagem para Machu Pichu, fomos juntos.

Sergio: Deve ter sido bom, hein?

Maria do Carmo: Foi um espetáculo, antes de eu vir para cá, estava na Faculdade ainda, viagem boa.

Sergio: Mas conte mais da sua...

Maria do Carmo: Da minha estadia.



Sergio: Da sua estadia aqui.

Maria do Carmo: Assim, o reflexo disso na minha vida foi uma coisa enorme nesse tempo, eu acho que fez de mim uma pessoa com uma visão assim, muito aberta, de mim mesmo. Também já trazia uma abertura da Bahia de não preconceito, isso eu sempre tive isso, acho que me identifiquei com aquele grupo porque já tinha isso dentro de mim também, mas assim, acho que me politizou mais, tanto que eu passei a fazer parte institucional daquilo, me empenhei de uma tal maneira e me entranhei tanto naquele conhecimento tão vasto, que passei a ser uma pessoa importante para a instituição. Sempre fui tímida, nunca gostei do poder, sempre tive medo, nunca gostei do poder, prefiro ficar assim, fazendo pesquisa que eu acho que eu tenho mais controle sobre isso.

Sergio: Você foi vice-presidente, né?

Maria do Carmo: Fui, fui vice-presidente do Paulo Buss, do Gadelha, fui aqui, fui substituir, fui diretora durante um ano aqui, acabei fazendo uma carreira institucional enorme que eu não pretendia... Minha ideia era ser pesquisadora, agora que eu larguei, estava na Presidência, agora que eu larguei eu falei: "Não quero mais, vou fazer minhas pesquisas", porque eu acho que o Brasil está numa fase já melhor, vou cuidar de agendas setoriais, vou cuidar de libertar a mulher, de ajudar a mulher brasileira nesse negócio de cesárea, mulher destruída sem conseguir ter autonomia, eu vou trabalhar nessas questões, afinal de contas, a gente só vai ser uma sociedade melhor se a mulher for melhor. Então eu acabei caminhando... voltei para a pesquisa, estou ficando velha, eu vou dedica esse meu tempo agora para uma pessoa que tem uma certa sabedoria por causa de tanto anos de vivência institucionais, muito próxima ao Ministério da Saúde, dos programas lá, eu falei: "Vou dedicar esse tempo meu para essa questão", enfim, tentar abordar as mulheres, porque não dá para a gente ver tanta (47:12) nesse país, nós temos que começar a amadurecer, crescer, ter autonomia e começara a aparecer. Então vim trabalhar a questão do parto, isso tudo porque trabalhava na mortalidade infantil e foi depois que eu saí do Peses e do Peppe, principalmente do Peppe, fiz a minha tese e depois o Eduardo foi embora para a Inglaterra morar um tempo e aí aquela pesquisa ficou no ar. Então eu fui arranjar o meu próprio caminho e aí apareceu na época uma possibilidade de trabalhar com a Opas, que na época era muito importante para definir pautas para o Brasil, que hoje já não é. Mas naquela época ela era muito importante.

Sergio: Era.

Maria do Carmo: Muito importante.

Sergio: Você conheceu o Juan Cesar Garcia?

Maria do Carmo: Não conheci pessoalmente, nem sequer tenha visto, ele fazia...

Sergio: Era uma pessoa importante.

Maria do Carmo: Li tudo dele, era fundamental ler ele, era argentino.

Sergio: Argentino e comunista.

Maria do Carmo: E comunista, era um cara muito bom, a Opas era uma coisa maravilhosa na época e ela estava adiante dos tempos, então estava começando a trabalhar pelos direitos mínimos da população das Américas, era melhor que a OMS e era a questão das vacinas que tinham sido doadas para o Brasil e o Eduardo lá defendendo a questão das vacinas e eu me envolvi então com essa área das vacinas e comecei a formar gente para o Brasil ter programa, me lembro que eu briguei muito aqui porque tinha um grupo de professores, a Cláudia Travassos e vários...

Sergio: Isso é que ano?

Maria do Carmo: Isso já é 80 e poucos e a esquerda mais radical achava um absurdo a instituição se envolver com essa coisa de campanha de vacina. Era uma visão estreita, porque as campanhas mobilizam a sociedade, a gente tinha uma visão muito... o Estado que tinha que se organizar, tinha que ter atenção básica e que isso era um truque para não ter nunca a atenção básica, era um erro de interpretação e eu briguei muito. Briguei muito por causa disso e porque era contra também... a gente brigava... contra a complementação alimentar que o Brasil passou a fazer com aqueles programas que até comprava de algumas empresas, tem uma coisa errada aí, mas dava comida para quem passava fome, distribuía leite, fazia uma coisa assim para os desnutridos e eu defendia.

Sergio: Essa posição aí, esse antagonismo pró campanha, contra campanha como isso se colocava em termo de posição política, ou era uma questão mais individual?

Maria do Carmo: Eu acho que talvez, eu não... e já não estava... eu acho que nessa época não dava para perceber, eu tomava uma posição porque eu tinha clareza de que a situação do Brasil era uma situação dramática das crianças. Eu já estava trabalhando com a mortalidade infantil e via a calamidade que era. Não era possível você ser contra a dar comida a essas criaturas que estava morrendo de fome. A principal causa de mortes era de diarreia, porque era pneumonia e desnutrição, mas quando você ia ver a causa associada era pneumonia e diarreia e a causa associada era ...

Sergio: Era desnutrição.

Maria do Carmo: Desnutrição, morriam de fome, eu “não falem comigo...” eu sabia que o sarampo era a causa que mais matava, não diretamente, mas quando a criança pegava sarampo...

Sergio: Era desnutrida.

Maria do Carmo: Ela tinha uma pneumonia depois, ela já estava no limite ali, não tinha condição de superar uma infecção daquela. Então eu entrei de corpo e alma, brigava com todo mundo aqui, eu e o Paulo Sabroza a favor dessa posição que parecia retrógrada de apoiar as campanhas de vacinação, que eu achava bonito, eu via a sociedade toda, era uma época que o

Brasil politicamente ainda tinha manipulação, você sabe, era uma época ainda dura, difícil, mas assim, era importante aquilo acontece e eu acompanhava isso, estudava, tenho vários artigos sobre (observando) diminuir a mortalidade, quanto mais diminuía a mortalidade, eu me convenciam e briguei muito aqui dentro por causa dessas posições, isso mais tarde, porque eu sempre tive um norte muito claro de onde era que devia estar. Aliás, não sei de onde que veio, não sei se foi dos tempos da Bahia misturado com os tempos do Peses e do Peppe (depois) não sei se ajudou tanto, mas eu fiz uma compreensão do mundo e eu nunca acho, até hoje na minha avaliação eu nunca estive do lado errado das coisas, nem aqui na instituição, na sociedade, sempre estou do lado certo, sempre trabalhei corretamente. Eu acho que tem alguns nortes e acabei tomando com todas essas passagens na minha formação que foi diversa e muito rica, hoje os meninos jovens não tem essas chances.

Sergio: Não, mas você teve uma sorte excepcional, você juntar...

Maria do Carmo: A Bahia.

Sergio: A Bahia, anarquismo baiano, com a questão social, estudo das ciências sociais aqui, depois estudo científico de epidemiologia, você teve uma sorte...

Maria do Carmo: Gigante.

Sergio: Gigante, gigante, soube aproveitar.

Maria do Carmo: Resultado, sou uma cientista super lida aqui, sou uma das pesquisadoras mais reconhecidas daqui, aqui na Fiocruz eu sou muito reconhecida.

Sergio: Sem dúvida.

Maria do Carmo: Sou muito respeitada e acho que isso foi fruto dessa miscelânea fantástica a a que eu pude ser exposta. O Arouca dizia....

Sergio: Soube, teve a capacidade de aproveitar, isso é importante.

Maria do Carmo: O Arouca dizia... ele ria de mim, ele via que eu era muito inocente, pouco lida nas coisas, ele já era muito sabido... ele dizia para mim "Vou te dizer uma coisa, eu nunca vi ninguém aproveitar tanto as oportunidades quando chegam perto como você. Isso é a coisa que mais me impressiona em você..." Ele dizia para mim, ele dizia isso para mim.

Sergio: É verdade.

Maria do Carmo: Companheiro querido.

Sergio: Qual foi a... se você fosse destacar alguma coisa do Peses/Peppe o que você destacaria. Teria algum ponto ou não? São tantas coisas....

Maria do Carmo: Acho que não teria não, mas tem uma coisa que eu diria assim e fazia aquilo ser melhor era a capacidade de ter tanta inovatividade nas discussões, nos pensamentos, muita

gente brilhante junta, mas eu acho que havia um caldo de alegria ali dentro. Isso eu vou te dizer, é fundamental para o sucesso de uma empreitada, em uma empreitada científica também. Eu acho que o que tinha era um bom conviver, uma amizade e uma alegria muito grande de celebrar a vida que essas pessoas tinham e muitas pessoas... histórias de sofrimento, mas isso era uma coisa assim... encantadora eu acho. Eu acho que aquilo fez muito bem para aqueles dois programas ter constituído a Fiocruz nova. Porque constituiu.

Sergio: Claro.

Maria do Carmo: E você não sabe, mas quem fez a campanha do Arouca e quem começou foi eu. Eu fui a primeira pessoa que o procurou, eu falei: "Arouca, você quer ser presidente?", eu que procurei o Arouca, a primeira vez. "Você quer ser..." eu era presidente do Centro de Estudos daqui. A Ensp tinha um Centro de Estudos que trouxe o Betinho, a primeira vez para falar de Aids, da fome zero, da questão da Aids aqui no Centro de Estudos, antes da campanha do Arouca, o Betinho veio. Eu que organizava essas discussões que eram importantes, porque eu via isso no Peses/Peppe e era uma coisa que não podia morrer.

Sergio: Eu me lembro, era uma coisa ali, enorme, no auditório.

Maria do Carmo: Ali no auditório, era eu que era a presidente. Aí como eu era a presidente eu conhecia presidentes de outros centros de estudos, a gente se encontrava, tinha a ideia de formar uma associação docente, só que nunca deu certo. Aí eu perguntei a ele "Você quer ser candidato à Presidência?" E ele disse: "Eu quero", eu falei: "Eu posso ajudar pelo Centro de Estudo, era o espaço que junta gente..." E foi assim que foi começando a campanha dele.

Sergio: É mesmo?

Maria do Carmo: Foi.

Sergio: Eu não sabia.

Maria do Carmo: Levei ele para o Fernandes Figueira, que era uma massa, a maior de todas que era, o maior volume de gente está lá.

Sergio: É.

Maria do Carmo: Eu era amicíssima do menino que era diretor que era o... ele morreu também, que era pediatra, eu também, como era da área infantil...

Sergio: Eu conheci ele, como era o nome dele?

Maria do Carmo: Roraime, eu fui procurar o Roraime "Está na hora da gente fazer uma virada, você não acha?" Ele falou "Totalmente, temos que mudar esta instituição". Porque o Fernando Figueira já fazia parte do programa da mulher, da criança, do Ministério, já tinha quatro seminários, então eu conhecia muita gente lá e aí eu falei "O Arouca quer ser candidato. Então ele disse: "Nós vamos fazer aqui, aqui é grande, você sabe que aqui a gente ganha a eleição, é

grande, e foi indo ao Centro de Estudos que era o único espaço coletivo, mas foi eu que perguntei a ele e ele falou: “Eu quero”. Não sei quem foi que me disse, não sei se foi a Dora, que o Arouca tinha comentado que gostaria... Aí eu fui perguntar para o pessoal...

Sergio: Quem era a Dora?

Maria do Carmo: Dora do (57:00)

Sergio: Ah, sim.

Maria do Carmo: Acho que foi a Dora, ou alguém que contou, e eu fui confirmar com ele “você quer mesmo?”. “Eu quero”. “Então eu vou ajudar”, aí começamos a fazer tudo, ele era candidato... foi uma loucura, nós ganhamos. O Guilardo também era uma pessoa (atrapalhada).

Sergio: Era uma pessoa trabalhadora, além de atrapalhada.

Maria do Carmo: Era uma pessoa atrapalhada no sentido político, não tinha (coragem de interferir, era como cortar na carne), embora detestasse o Eric, que foi quem criou o filho dele, mas ele tinha (uma incapacidade) política, mas ele não conseguia nos odiar, a ninguém.

Sergio: Ele não era um filho da puta.

Maria do Carmo: Não, ele tinha o filho dele e que ele queria se aproximar e via na gente o filho dele, ao mesmo tempo que ele tinha que (perseguir um pouco)...

Sergio: O filho dele, o que quê tem?

Maria do Carmo: O filho dele não é o Eduardo Jorge?

Sergio: Ah, o filho dele é o Eduardo Jorge.

Maria do Carmo: O filho rompeu definitivo com ele. Então conosco ele via o filho, ao mesmo tempo ele gostava de mim, ele e me chamava sempre para ir na reunião lá em cima, gostava muito da gente.

Sergio: Ele não gostava de mim não.

Maria do Carmo: Não? Mas da gente ele gostava, dos mais jovens...

Sergio: Não, porque eu era coordenador, eu que tinha trazido isso da Finep, e como eu era Finep, ele não podia...

Maria do Carmo: Ele era dúbio, porque conosco, ele via o menino, o filho, o Eduardo Jorge, eu tinha a mesma idade do Eduardo Jorge, no mesmo caminho na instituição, ele não tinha coragem de sacanear e quando veio o Arouca ele não teve coragem de ser contra também, viu que tinha o envolvimento dos jovens...

Sergio: Mas ele saiu meio bravo.

Maria do Carmo: Magoado, ele saiu magoado.

Sergio: Eu me lembro quando a gente subiu lá... Você lembra quando na posse a gente subiu o castelo de escada? ele mandou desligar o elevador.

Maria do Carmo: Ele saiu supermagoado.

Sergio: Ele ficou magoadíssimo.

Maria do Carmo: Depois de um tempo ele fez as pazes, mas aí fez com o filho também depois. Mas foram épocas, assim, incríveis, e a gente vê essa instituição... lá agora a Fiocruz está precisando se rever.

Sergio: Sem dúvidas.

Maria do Carmo: Como a sociedade, esses modelos têm que ser outros.

Sergio: Olha, falamos bastante, mulher. Foi uma ótima entrevista, você quer dizer mais alguma coisa?

Maria: Eu não, só quero dizer que fiquei muito feliz de ter participado dessa experiência.

Sergio: Foi ótimo.

Maria do Carmo: Que você de alguma maneira foi uma pessoa muito importante.

Sergio: Eu fui, fui promotor delas, sem dúvidas.

Maria do Carmo: Você quem botou dinheiro aqui.

Sergio: Foi eu quem tive a ideia, eu e o Eduardo, que tivemos essa ideia e botamos aqui.

Maria do Carmo: Realmente foi uma ideia genial.

Sergio: Foi a melhor coisa que eu fiz em toda minha vida.

Maria do Carmo: Foi fantástico e eu tenho uma imensa gratidão.